



Na convicção de que como pessoas, somos o que fizemos mais o que desejamos ser, permitam-me olhar o passado para melhor compreender o presente e construir o futuro.

Em Portugal, longa e rica é a história da Educação Física e Desporto como matéria e área de conhecimento, e prática profissional.

Em 2015 completam-se 75 anos da criação do INEF – primeira escola de formação de professores de Educação Física – e 40 de plena integração universitária, com a criação dos ISEF em Lisboa e Porto em 1975, um ano após a Revolução.

Revolução de que somos consequência. Em liberdade, mas não libertos de múltiplos constrangimentos, sobretudo de raiz educativa e histórico-cultural.

Após Abril de 74 aconteceu uma autêntica explosão social, cultural e educativa, num Portugal há 50 anos parado e isolado no tempo e no espaço.

Deixámos o “orgulhosamente sós” da ditadura e tornámo-nos europeus e, cada vez mais, por opção ou necessidade, cidadãos do mundo.

A Educação e também a Educação Física e Desporto apesar das turbulências do processo, alcançaram os níveis hoje reconhecidos internacionalmente.

Foi neste percurso feito de necessidade e urgência que nascemos há 25 anos, determinados a contribuir para a formação universitária de excelência e a dignificação de uma profissão fundamental à construção e elevação da cidadania, da saúde e bem-estar.

É este objectivo que nos levou a integrar a REAFES; o mesmo objectivo que, ano a ano, dia a dia permitiu estarmos aqui, celebrando com alegria o reconhecimento da comunidade académica e profissional.

Este 1º Congresso da REAFES que a sua Assembleia Geral nos concedeu a honra de realizar, integra um ano de celebração de importantes acontecimentos históricos da Educação Física e Desporto em Portugal e irá contribuir, por certo, para a reflexão acerca de importantes questões de áreas do conhecimento e intervenção social tão relevantes na vida actual e futura de pessoas e comunidades: a Educação, a Saúde e o Desporto.

Num tempo de tanta incerteza e conflitualidade, é plausível o prognóstico de alguém com o conhecimento e experiência de académico, sociólogo prestigiado, e Presidente de um dos maiores, mais diferenciados e contraditórios países desta nova aldeia global, Fernando Henrique Cardoso, ao afirmar que “o futuro vai depender de educação, tecnologia e inovação”. Afinal, similar ao que, mais de um século antes, o criador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna deixou escrito: “Em geral, a maioria das grandes questões nacionais reduzem-se a uma só questão educacional, sobretudo nos países democráticos. É necessário procurar sempre na Escola e na Universidade o segredo da grandeza ou decadência da democracia”.

Acreditamos que todo o sistema de ensino e, de modo especial, a universidade tem uma função insubstituível na criação e divulgação do saber; um saber não limitado à sucessiva e infinita acumulação de informação, mas entendido como um processo contínuo e cada vez mais profundo de compreensão de factos e acontecimentos, objectos, pessoas e comunidades; um saber não dogmático, antes apelando à curiosidade, convivendo com a incerteza e estimulando a inovação e a criatividade.

Doutro modo, para que serviria a Universidade e os professores, num tempo em que o acesso à informação é universal? Gostaria de estar seguro que qualquer projecto científico, qualquer trabalho científico será mais consequência de curiosidade, da interpelação, que do mero domínio e aplicação de técnicas e programas.

Diálogo, questionamento fundamentado sobre todas as matérias, eis o método de ensino e aprendizagem que pode conduzir a conhecimento novo.

Compete à Universidade facultar uma formação superior de verdadeira qualidade, uma formação integral, científica, técnica e pedagógica, cultural e humanista. De modo particular, no domínio da Educação Física e Desporto, cabe a todas as instituições de ensino superior a indeclinável responsabilidade de estudar e entender o Desporto como produto e paradigma da sociedade actual.

Admitimos o acto criativo, o processo científico como mero exercício e deleite intelectual, fruto de infindáveis interrogações ou súbita clarividência acerca da explicação procurada ou relações intuídas, mas não demonstradas; todavia, estamos com Fernando Pessoa ao dizer “agir eis a inteligência verdadeira” e, de modo contundentemente assertivo e crítico, com Virgílio Ferreira: “conhecer e não agir é uma traição”.

Que este Congresso seja um tempo de são e alegre convívio, mas também de desafiante questionamento sobre o que sabemos, a partir do que ouvimos, para sabermos mais.

A realidade actual da Educação Física e Desporto nos nossos países e, de modo geral, no mundo não dispensa o conhecimento científico e torna a acção necessária e urgente. O meu desejo primordial – e final – é que este Congresso contribua para o nosso conhecimento, mesmo quando aumenta um certo estado de dúvida e agitação intelectual e, sobretudo, desperte ou acentue a responsabilidade social que o torna consequente.